

Perfil dos Formandos em Biblioteconomia da UFSC*

*Francisco das Chagas de Souza***

Resumo

Trata-se de uma análise desenvolvida a partir da recolha de dados junto aos estudantes de 6ª e 7ª fases do Curso de Biblioteconomia, ao final de 1983. Interrogou seu desempenho intelectual, conhecimento da literatura profissional e não profissional, conhecimento de idiomas estrangeiros. Os resultados são preocupantes, embora reflitam o quadro de penúria do ensino de 1º e 2º graus hoje ministrado no país.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES:

Nas atuais circunstâncias de crise de qualidade no ensino do primeiro e segundo graus não se pode evitar reflexos bastante negativos no ensino de terceiro grau, verificáveis dentro dos diversos cursos da Universidade.

Para conhecer a natureza e extensão do fato é preciso, no entanto, que se dê especial atenção ao meio ambiente circundante da Universidade; quem a demanda; as condições econômico-sociais da região, etc.

O Estado de Santa Catarina, segundo os documentos oficiais (15) tem permanecido em constante crescimento, tendo aumen-

* Colaborou na elaboração do questionário e levantamento e tratamento dos dados a aluna Sílvia Maria Silveira, na oportunidade, monitora da disciplina Documentação I.

** Professor do Centro de Ciências da Educação (Departamento de Biblioteconomia e Documentação) da Universidade Federal de Santa Catarina.

tado seu PIB (Produto Interno Bruto) no período compreendido entre 1972-1977 em 84%. Aumentou também a arrecadação do ICM (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias) e sua participação no PIB nacional. E nos últimos trinta anos ocorreu uma não menos significativa mudança no seu perfil econômico, tendo havido entre 1949 e 1977 uma queda percentual, mas não absoluta, do setor primário da economia, que de 40,92% passou a 21,01% enquanto o setor secundário saltou de 23,04% para 30,20% e o terciário foi de 36,04% a 48,79%.

Estas cifras são indicadoras de uma modernização econômica traduzida em maior industrialização, mais comércio e maior número de organizações prestadoras de serviços. Tudo isso exige a instauração de ensino moderno, notadamente para a formação de tecnólogos, administradores, professores, facilitadores da informação, entre outros.

Nesse sentido, tem crescido a abertura de vagas para alunos universitários ora assistidos pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), pelas 18 fundações coordenadas pela Associação Catarinense das Fundações Educacionais — ACADE e pelas demais escolas isoladas. Só no âmbito da UFSC, de 1978 ao 1º semestre de 1983 o número de alunos saltou de 8.519 para 11.569 (5), num aumento real, em cinco anos e meio, de 3.050 vagas ou mais de 35,8%. Esta evolução quantitativa, entretanto, não está necessariamente apoiada numa evolução qualitativa, refletida em melhores laboratórios, melhores bibliotecas, melhores professores, melhores ambientes escolares ou na necessária melhora da base: a escola de primeiro e segundo graus existente no Estado.

Os fatos se revelam a toda hora dentro das salas de aula, em entrevistas com professores, em pesquisa de leitura, em pesquisa de hábito de leitura, que serão analisados dentro deste artigo cujo objetivo é apontar os resultados de um levantamento de dados realizado no final do ano de 1983 junto aos alunos das duas últimas fases do Curso de Biblioteconomia da UFSC. O propósito desta pesquisa foi verificar a base cultural/*intelectual desses estudantes em fase final de formação profissional.*

Para tanto, aplicou-se a pesquisa a vinte alunos, sendo 14 de 6ª fase e 6 de 7ª fase do Curso de Biblioteconomia, usando como instrumento de coleta um questionário. Tal aplicação ocorreu

entre os dias 22 e 25 de novembro, durante o expediente de aula, por se entender que seria uma boa maneira de obter resultados a partir da rememoração do que o estudante lera, fizera ou poderia fazer. Uma aplicação piloto deu-se no dia 18 de novembro.

Tal questionário foi estruturado de forma simples, com o número de dez questões nas quais se desejou imprimir a maior objetividade possível. A primeira questão foi a mais extensa, com 19 subitens a serem respondidos e buscava uma caracterização pessoal do respondente quanto a traços biográficos e de desempenho intelectual. As demais questões procuravam aprofundar conhecimento de livros, autores literários, interesses de lazer, atitudes pessoais e conhecimento de idiomas detidos pelos respondentes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Entrevistar alunos de graduação de biblioteconomia com o objetivo de levantar perfis é algo que não se pode definir como novo na literatura. Também não o é em outros campos do conhecimento e nem mesmo em outros níveis acadêmicos.⁶

Tatara¹⁸ fez uma pesquisa junto aos estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná, em 1978, com o objetivo de levantar suas características e sua opinião sobre o currículo pleno. Verificou a existência de uma predominância acentuada de jovens, procedentes e outras cidades que não Curitiba, com noções de apenas um idioma estrangeiro, tendo escolhido o Curso por influência de terceiros, não vendo no exercício da profissão um meio de subsistência e não tendo o manifesto espírito de liderança.

Polke et alii¹² publicou em 1977 trabalho em que analisou o corpo discente da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) quanto à distribuição de alunos por período, idade, sexo, estado civil, evasão de alunos de outros cursos, expectativa quanto ao tipo de biblioteca onde gostaria de trabalhar, compreensão das disciplinas, entre outros fatos, chegando a diversas conclusões como:

“— o bibliotecário acha que as qualidades fundamentais para a profissão são qualidades sociais e pessoais, sendo o conheci-

mento técnico e cultural geral de menor importância;

- o bibliotecário atualiza-se através de contatos com colegas;
- o cargo de bibliotecário é predominantemente técnico-executivo, sendo poucos, os assessores e diretores”.

A literatura registra ainda diversos outros trabalhos relacionados com a formação profissional (7,9,19). São trabalhos que se prendem ao universo brasileiro e preocupam-se tanto com o bibliotecário generalista quanto com a necessidade da formação do especialista em informação especializada.

De certo modo, todos vêem o bibliotecário a partir do momento em que este entra no processo de formação, suas perspectivas profissionais, a necessidade de mais técnicos em informação para o país, etc. Porém não se pode largar de lado a questão do embasamento cultural deste aluno. Ao ingressar no Curso de Biblioteconomia deverá estar capacitado a compreender em profundidade o universo que o cerca e o que dele se espera idealmente.

Ferreira⁸, em trabalho de 1979, apresenta uma lista de traços, qualidades e aptidões exigidas do bibliotecário face às suas futuras atribuições. Enumera cinco traços psicológicos, quatro aptidões físicas e com relação às qualidades necessárias relaciona as seguintes: raciocínio verbal, concentração, memória, acuidade visual, meticulosidade, espírito de organização, exatidão, domínio de linguagem, domínio de línguas estrangeiras, sociabilidade, espírito de iniciativa, atualização cultural, um mínimo de cultura humanística.

Ora, para ser capaz de demonstrar estas qualidades o indivíduo terá de possuir sólida formação anterior, pois não será a escola de biblioteconomia que proporcionará sua aquisição. Todas são qualidades relevantes, demonstráveis, em sua maioria, por indivíduos que tenham realizado bons cursos primários, secundários, pois oficialmente (Portaria DASP, nº 146, de 17 de agosto de 1973 — D.O.U., seção 1, parte 2, Supl. 31.8.73, p. 67-68) é esperado do bibliotecário o bom desempenho em pelo menos 29 atribuições. Não é de espantar tal número de habilidades esperadas, quando hoje, face ao crescimento do universo informacional/comunicacional tantas outras tarefas passaram a ser executadas por bibliotecários.

Fontoura¹⁰ em Tese de Mestrado defendida no Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao analisar o espectro profissional do bibliotecário, descobriu em torno de 95 atividades desenvolvidas por esse especialista.

Vieira²⁰, em artigo publicado no final de 1983, descreve a metodologia e relata os resultados do "Seminário Novos Rumos para a Biblioteconomia" (Escola de Biblioteconomia da UFMG, 06 a 10 de junho de 1983) no qual foram buscadas alternativas para os alunos repensarem a profissão bibliotecária, notadamente com relação a campos de trabalho, tarefas profissionais e características essenciais a um bibliotecário. Segundo a autora os resultados foram surpreendentes, na medida em que houve um despertar real para alternativas de mercado profissional que ultrapassam a tradicional biblioteca.

Essas descobertas, no entanto, ainda que construtivas, são a marca da escolha inconsciente do campo de estudo e, por conseguinte, da futura profissão do vestibulando. E tanto mais inconsciente é a escolha quanto menor é a perspectiva de poder optar pelas áreas científicas e tecnológicas. E tanto maior é a incerteza sobre o que optar quanto mais intenso é o afastamento do estudante primário e secundário do universo da leitura. E tanto mais inconseqüente é a escolha quantos maiores são as opções de entrada na universidade.

A respeito da leitura existem várias pesquisas (1, 3, 14, 17), orientações de como ler bem (4, 11) e cada uma mais séria e detalhada.

Rocco (14), em sua tese de Doutorado apresentada à USP em 1981, analisa 1.500 redações de candidatos de vestibular que prestaram exames junto à FUVEST, em 1978, chegando a resultado que demonstram a pobreza do ensino no que diz respeito à leitura e redação. Seu objetivo "foi o de tentar uma caracterização da linguagem escrita dos vestibulandos, na medida em que se desconfia da existência de uma crise na linguagem escrita e, especialmente, na produção textual desses indivíduos". (p. 21).

Entre suas conclusões, afirma que: "34,8% dos vestibulandos examinados demonstram incapacidade de domínio dos termos relacionais"; "... encontram-se também contradições lógicas

evidentes, paralogismos flagrantes em 16,9% dos textos — índice que, aparentemente baixo, mostra-se, no entanto, como forma gravíssima de desconexão lógica, se atentarmos para a natureza da falha" (p. 245). "No tocante às chamadas relações impróprias entre termos e segmentos discursivos, verificamos que 51% dos vestibulandos incorrem no problema" (p. 245). "O percentual de redações portadoras de clichês foi de 69% (**ises**) denuncia uma ausência de originalidade, de invenção, de imaginação criadora" (p. 246). "Apenas 4 textos, em 1.500 analisados, mostraram-se integralmente originais e criativos" (p. 246).

Tudo isso é muito grave e revela porque este país tem dificuldades de funcionamento institucional. Ainda no livro de Rocco o prefaciador João Eduardo Rodrigues Villalobos, diz: "O presente trabalho de Maria Thereza, contudo mostra que apenas 40 dos 1.500 textos examinados são parcialmente providos de linguagem criativa e que somente 4 deles, segundo os critérios estabelecidos, se revelaram claramente criativos. Extrapolando esses dados, não sem certo risco, digamos que no Brasil todo tenhamos cerca de 400 ou 500 criaturas de 19 a 22 anos de idade capazes de alguma criatividade. Somadas estas a umas tantas centenas que passaram pela Escola Superior de Guerra e que se autoproclamam a elite pensante deste país, e, vá lá, uma pouca de gente, em todas as faixas etárias acima dos vinte anos, que se salvaria, embora não pelos critérios na mencionada Escola Superior de Guerra, teríamos aí, no Brasil, coisa de duas, três ou talvez até quatro mil pessoas capazes de pensar coisa com coisa, com autonomia intelectual e inteligência". (p. 15-16).

Seguindo uma linha aproximada deste estudo, está sendo realizada na UFSC, por um grupo de professores do Centro de Comunicação e Expressão, pesquisa que "revela que os estudantes de agronomia reúnem o melhor índice em habilidade de leitura do corpo discente da Universidade, ficando a última classificação para os da área de estudos sociais". (1).

Considerando que a Biblioteconomia está situada neste último campo, deverá ser lamentada essa deficiência real, apresentada como norma, (embora não desejável nem como exceção) face ao papel crucial do bibliotecário como facilitador de informação de toda e qualquer natureza.

Porém, a gravidade do fato se aprofunda e torna-se visível sem grande esforço. Entrevistada pelo Boletim da ACB (Associação Catarinense de Biblioteconomia), a então diretora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina ao ser perguntada se "As escolas orientam seus alunos para uma boa leitura?" respondeu: "No debate que houve na Biblioteca há poucos dias, afirmava uma professora universitária que seus alunos não sabem ler, isto é, não interpretam, têm dificuldades em encontrar um assunto em textos, não têm opinião crítica". (16).

Um estudo recém publicado por Silva et alii apresenta os resultados de experiência desenvolvida pela Equipe do Projeto Aplicação de Técnicas Lingüístico-pedagógicas à Leitura e Produção de Textos, no Departamento de Letras da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Tal projeto pretende, entre outras coisas, incentivar no aluno de 3º grau o hábito da leitura reflexiva e crítica e despertar o gosto pela leitura e produção de textos. Para isso foi feito um diagnóstico. "Os resultados da diagnose comprovaram que o estudante ao chegar à Universidade não adquiriu o hábito de leitura e a maioria não é capaz de ler em profundidade. Durante sua vida escolar, no 1º e 2º graus, praticou a leitura em sua forma elementar, a de simples decodificação linear do texto. Este tipo de leitura provoca a passividade intelectual e tolhe a criatividade. . . . Em condições normais, era de se esperar que o aluno ao ingressar na Universidade, geralmente no fim da adolescência, já tivesse atingido o estágio de pensamento formal postulado por Piaget capaz de fazer deduções lógicas e abstratas. Entretanto, são pouquíssimos os que atingiram esta fase, o que é comprovado pela inabilidade para tirar conclusões e para fazer avaliações inferenciais". (17, p. 30).

Claro que o estudo não se relaciona especificamente ao estudante de biblioteconomia, mas ele é um componente dos estudantes universitários.

Para compreender melhor o problema do ensino de base aqui em Florianópolis, um grupo de trabalho da Associação Catarinense de Bibliotecários (3) realizou uma pesquisa em setembro de 1981 junto às escolas de 1º e 2º graus com o objetivo de conhecer interesses e hábitos de leituras; estímulos oferecidos pelos professores neste sentido e condições de funcionamento das

bibliotecas escolares. Entrevistaram 270 alunos do primeiro grau (amostra de um universo de 31.229) e 253 do segundo grau (amostra de um universo de 15.288), de 23 escolas das 67 existentes na zona urbana. Também entrevistaram professores e diretores e/ou bibliotecários desses estabelecimentos.

Encontraram que há uma deficiente estimulação à leitura "... apenas os professores de Comunicação e Expressão foram citados como os que exigem dos alunos alguma coisa neste sentido. 58,4% do número total de alunos não recebem estímulos de outras pessoas, na escola, para a leitura de livros ou estórias" (p. 43) ... 74,9% dos estudantes de 1º e 2º graus de Florianópolis nunca são levados às bibliotecas das escolas por seus professores. 57,8% do total nunca retiram livros por empréstimo, 75,7% dos alunos declararam que nunca são informados sobre os novos livros que a biblioteca adquire". (p. 45).

Um fato interessante registrado na pesquisa é que todas as escolas visitadas possuem bibliotecas, mas apenas 21,8% delas têm como responsável o profissional bibliotecário. Apesar de 95,5% disporem de sala própria esta comumente varia de uma área mínima de 41m² a uma área mínima de 60².

Pelo depoimento dos professores pode-se deduzir a quase inoperância dessas bibliotecas. 33,7% dos professores de escolas públicas garantiram que os estabelecimentos onde trabalham não oferecem nenhuma facilidade aos alunos quanto ao acesso à leitura. 57% dos professores não levam seus alunos às bibliotecas escolares porque consideram o acervo desatualizado; 12,5% porque o espaço é pequeno e 12,5% por ambos os motivos. 52,4% dos professores afirmaram que por parte dos responsáveis pelas bibliotecas escolares não há incentivos à formação de hábitos de leitura dos alunos" (passim).

Este quadro de penúria quanto à formação do leitor no primeiro e segundo graus ocorre em Florianópolis onde, presume-se, há melhores condições de atendimento ao escolar. Se se pensa, porém, que em torno de 65% dos alunos da Universidade Federal de Santa Catarina são oriundos do interior do Estado onde a escassez de livros e bibliotecas se intensifica deve-se esperar, de fato, a demonstração de incapacidade de ler, de interpretar, de se concentrar, entre outras, por parte dos universitários.

E especificamente com relação a estudantes de Biblioteconomia, Amorim (2), em recente estudo, descreve uma experiência de ensino de uma disciplina fundamental para o futuro bibliotecário: Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia. E diz: "Alguns alunos experimentam dificuldades enormes . . . A principal dificuldade é que não sabem, ao menos **ler**; já em MPB I nada entendem das leituras que lhes são atribuídas nos vários manuais de pesquisas existentes em português. Em 1978 (foi aplicado um questionário a alunos que já haviam cursado a disciplina). A principal dificuldade apontada pelos informantes foi a redação. Os problemas de leitura e redação, decorrentes da formação deficiente em 1º e 2º graus, são difíceis de sanar no que já é o terceiro ano de Universidade. Há um despreparo geral para o tipo de estudo que MPB exige. Os trabalhos escolares que os alunos estão acostumados a fazer são meras cópias primárias, mal feitas e desconexas, de trechos de enciclopédias". (p. 64).

3. RESULTADOS

Os indivíduos pesquisados situam-se na faixa dos 19 aos 25 anos de idade, com uma média de 22 anos e 1 mês e moda de 22 anos, caracterizando-se como um grupo que se prepara para o ingresso no mercado de trabalho. Uma faixa etária esperançosa com o discurso desenvolvimentista até há pouco instaurado no país. Em sua maioria são oriundos do interior, na razão de 55%, estando representadas cidades dos vários quadrantes do Estado. Os restantes, 45%, são residentes permanentes na capital — Florianópolis.

Quanto à escolaridade de 2º grau, 60% cursaram o científico, certamente na expectativa de uma formação futura nas áreas científicas e tecnológicas, mas naturalmente frustrados em seus desejos pelas dificuldades impostas no vestibular. Os 40% restantes cursaram os cursos técnicos, invenção da reforma educacional (Lei nº 5.692, de 05 de agosto de 1971) e construídos, via de regra, sobre a mediocrização do ensino básico. Como se pode ver no quadro 1, a expectativa básica do formando em Biblioteconomia era de cursar outras disciplinas, estando inseridos na área de ciências sociais um número bastante reduzido de interessados.

Destes apenas 10% escolheram a Biblioteconomia como primeira opção, pois fracassaram em outras escolhas dantes tentadas.

Dos entrevistados, apenas 70% realizaram somente um vestibular, havendo um caso da realização de 4 vestibulares. Assim o formando em biblioteconomia tende a ter uma baixa empatia com o Curso. Isso se demonstra por algumas justificativas dadas para a escolha da segunda opção (Biblioteconomia). Dentre estas há expressões como: "Para formar-se mais rapidamente (o curso era de 3,5 anos); por acaso; pareceu simpático; por interesse pessoal e influência de terceiros; disseram que era mais fácil passar em segunda opção; é um curso que oferece bastante contato com livros (jargão irreal); pareceu mais fácil passar", entre outros. Tais justificativas mostram, no mínimo, que o aluno não tem na escola básica, informações concretas sobre os cursos universitários, e, pior, vindas de quase profissionais graduados, indicam que apenas estão passando pela escola sem impregnar-se dos conteúdos que lhes são ministrados.

QUADRO 1

Cursos universitários pretendidos, por número de indivíduos

CURSOS PRETENDIDOS	Nº DE PESSOAS
Administração	1
Arquitetura	2
Biblioteconomia	2
Computação	1
Economia	1
Enfermagem	3
Letras	2
Nutrição	2
Odontologia	1
Psicologia	1
Serviço Social	2
Sem resposta	2
TOTAL	20

Na origem de tudo há certamente a base familiar que não permitiu a construção de hábitos consistentes de leitura. Segundo os pesquisados, apenas 35% deles são oriundos de famílias que possuem coleções de livros ou o que se pode denominar de biblioteca e atualmente 75% desses pesquisados não possuem bibliotecas ou uma coleção de livros que assim possa ser denominada. Apenas 20% possuem biblioteca; um número baixo considerando suas necessidades de leitura e de construção de uma futura coleção profissional que deve ser iniciada e implementada durante a formação escolar.

Apesar disso, existe algum esforço de melhoria, pois apenas 25% afirmam jamais usar dicionário como apoio às suas leituras, volume que, se extrapolado, ainda é significativamente negativo.

Com relação à dedicação de tempo para leitura o grupo apresenta uma média de 5h45min semanais, o que pode ser considerado como muito baixo para estudante. A moda ficou em 4 horas, para uma concentração de 25% dos pesquisados. O espectro de tempo foi muito variável, desde um caso de apenas uma hora de leitura por semana até um caso de 18 horas de leitura por semana. Essa carga semanal de leitura, potencialmente pequena, pode ainda ser menor para as leituras fundamentais da formação na medida em que 95% dos entrevistados concentram parte do tempo na leitura de revistas de generalidades na qual incluem desde revistas de atualização do porte de *Veja* e *Isto É*, até a *Revista Nova*, *Manequim* (Quadro 2).

QUADRO 2

Revistas de Generalidades lidas, por número de pessoas.

TÍTULOS LIDOS	Nº DE PESSOAS
Capricho	1
Cláudia	1
O Correio da Unesco	1
Cruzeiro	1
Desfile	4
Diálogo	1

Exame	1
Isto É	12
Manchete	10
Manequim	1
Nosso Século	1
Nova	1
Revista Geográfica Universal	3
Veja	17
Visão	10

O contraste maior com relação à leitura de revistas é demonstrado quando se solicitou a indicação da leitura de periódicos de biblioteconomia. Apenas 40% afirmaram que lêem revistas cujo assunto é biblioteconomia. Adicionalmente, solicitados a indicar nominalmente as revistas de biblioteconomia que lêem pode-se constatar a pobreza de suas leituras e o desconhecimento dos principais periódicos nacionais da área. Somente 70% do total alinharam títulos de alguns periódicos de biblioteconomia. E apenas 45% do total indicaram títulos corretos. O mais grave, porém, é que as quatro revistas consideradas principais, no Brasil, nesta área, não foram citadas nenhuma vez: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Revista de Biblioteconomia de Brasília, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação e apenas 10% foi capaz de indicar um título internacional: Revista de la Unesco de Ciencia de la Información, Biblioteconomia e Archivologia (RUCIBA). Este indicador é dos mais preocupantes e mostra um perfil realmente questionável, necessitando de cuidados e reparação.

Quanto à leitura de literatura ficcional os respondentes afirmaram ter um gosto bastante acentuado pelo gênero romance (95%), embora tenham dificuldades em relacionar autores a títulos de obras bastante difundidas e até clássicas da literatura em língua portuguesa, de autores portugueses e brasileiros (Quadro 3). Também se pode constatar a mesma dificuldade quando se utilizou o nome de autores clássicos dessa literatura e solicitou-se que relacionassem a obra principal de cada um (quadro 4).

A uma solicitação específica sobre os livros que leram de agosto até novembro (momento da recolha dos dados) de 1983,

as respostas variaram de nenhum a seis, com títulos e autores os mais variados e a predominância de literatura estrangeira de qualidade duvidosa.

QUADRO 3
Conhecimento dos autores dos títulos indicados/literatura portuguesa-brasileira

TÍTULO DO LIVRO	NÍVEL DE CONHECIMENTO		
	CORRETO	ERRADO	SEM RESPOSTA
	Nº ABS.	Nº ABS.	Nº ABS.
Inocência	3	3	14
Incidente em Antares	5	3	12
Zero	—	—	20
O Ateneu	14	2	4
Dom Casmurro	12	—	8
A Moreninha	7	5	8
Os Maias	1	4	15
Feliz Ano Novo	—	8	12
Macunaima	7	4	9
Amor de Perdição	—	1	9

20= 100%

QUADRO Nº 4
Conhecimento das principais obras de autores brasileiros

NOME DO AUTOR	NÍVEL DE CONHECIMENTO		
	CORRETO	ERRADO	SEM RESPOSTA
	Nº ABS.	Nº ABS.	Nº ABS.
José de Alencar	8	4	8
Machado de Assis	9	3	8
Raul Pompéia	12	—	8
Lima Barreto	—	4	16
Cruz e Sousa	1	5	14

20= 100%

Em atenção à solicitação de que formassem uma lista "indicando autor e título dos cinco livros, a seu ver mais importante dentre os que leu até hoje", 15% não alinharam qualquer título ou autor e apenas 40% conseguiram relacionar cinco títulos. E um dado preocupante, mormente pela predominância de literatura de origem estrangeira que pouco reforça o conhecimento de autores nacionais e, por conseguinte, da realidade brasileira.

Tudo isso indica uma acentuada fragilidade intelectual desses formados, cuja responsabilidade profissional futura é ímpar.

Ainda sob o aspecto do conhecimento de outros idiomas há indicação de mais de um idioma. Porém, apenas 10% dos indivíduos conhecem bem o espanhol e outros 10% conhecem bem o inglês. Há um caso (5%) no qual o respondente afirma ter bom conhecimento de inglês e espanhol. No conjunto, apenas 25% dos entrevistados seriam capazes de estender seu desempenho para além do processamento — análise e síntese — documentária de textos num segundo idioma.

4. CONCLUSÃO:

Do ponto de vista do que idealmente se pode exigir do bibliotecário, os resultados são preocupantes. E preocupam em função de uma conjuntura escolar empobrecedora e embotadora.

De outro lado, observa-se do formando de biblioteconomia um descompromisso com o instrumental básico de sua área: a leitura, o conhecimento da literatura em língua portuguesa. Isso, em parte, é fruto de sua origem, marcada pela ausência de livros. Provém esse indivíduo, em sua maioria, de escolas do interior do estado onde o professor permanece sendo o único instrumento de transmissão de educação. Escolhe cursar biblioteconomia por mero acaso, pois no seu referencial essa área não existe, posto que o nosso país de tradições rurais ainda reconhece poucas profissões superiores além das tradicionais.

Há ainda o fato da dedicação de pouco tempo à leitura durante o período de formação. O fato desses entrevistados não conhecerem as principais revistas de biblioteconomia brasileiras

não se justifica. Talvez não seja boa a forma literária da literatura profissional, pois é próprio de si ser mais hermética ou de estilo menos depurado. As coleções destas revistas estão na Biblioteca Universitária e no próprio Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Seus fascículos estão à disposição dos alunos. Provavelmente, sua leitura permitiria a formação de espírito mais crítico nesses futuros bibliotecários e os encaminhasse melhor na profissão. Certamente, porém, não se apercebem disso. A leitura de *Capricho*, *Desfile*, *Manequim*, *Nova*, pode lhes parecer mais interessante. Tanto é que toma boa parte de seu tempo. Não lhes instrumentam para um exercício profissional, mas lhes alimentam de sonhos e ilusões, na maioria de duvidosa realização. Empobrecendo sua linguagem, estreitando suas visões de mundo, fazendo-lhes seres submissos e dependentes, retirando-lhes a capacidade de fazer do Brasil um país autônomo.

É esse quadro dramático que se extrai da pesquisa e que tira toda e qualquer ilusão de se pensar em grandeza e independência. É esse mundo de sonho, no qual habitam futuros profissionais universitários, que aguça o subdesenvolvimento do País. Desse estado de coisa afirma Eduardo Portella: "Ser subdesenvolvido é habitar periféricamente a condição humana sem possuir, em nenhum instante, os meios de acesso a ela. O prisioneiro do subdesenvolvimento não *vive*; *sobrevive*. Toda a sua luta tem como finalidade a mera subsistência. O triunfo de homem no país subdesenvolvido se mede pela conquista da subsistência. Ele está fechado dentro de uma condição infra-humana" (13,p. 69-70).

Essa imagem arivada pelo perfil dos entrevistados, carece ser superada com muito trabalho. Não é possível ficar-se impassível diante dos dados apontados.

Porém essa responsabilidade não compete com exclusividade à Escola de Biblioteconomia, mas em sua totalidade ao governo brasileiro. Necessita-se urgentemente de uma política educacional embasada em uma política nacional de soberania da pátria, da nação. Uma política educacional a ser desenvolvida para reforçar o caráter de brasilidade deste povo.

Estes pesquisados não podem ser responsabilizados pela subnutrição cultural, pela falta de objetivos claros; seus professores não podem ser responsabilizados por aquilo que não têm o poder

de controlar. Por isso não se pode analisar os resultados obtidos como o simples reflexo de uma categoria profissional ou escolar e *dizer que tais estudantes, tais professores, tais profissionais são mal preparados ou incapazes*. Pois são, sim! São incapazes, porque lhes foi negada a ambição de serem independentes, lhes foi negada a possibilidade de saírem dessa mordalha interposta pelos dirigentes do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALUNOS de agronomia têm maior índice de leitura. *O Estado*, Florianópolis, 23 out. 1983. p. 19.
2. AMORIM, Maria Thereza de. Experiência de estudo e ensino: Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia. *Cad. Biblioteconomia*, Recife, (6): 55-68, jun. 1983.
3. ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE BIBLIOTECÁRIOS. Grupo de Bibliotecários pela Valorização e Divulgação Profissional. *Projeto de pesquisa e resultados preliminares sobre hábitos de leitura e bibliotecas escolares*; um levantamento realizado nas escolas de 1º e 2º graus em Florianópolis. Florianópolis. 1981.
4. BELLENGER, Lionel. *Les méthodes de lecture*. 2 ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1980.
5. BOLETIM DE DADOS. (Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 3 (5):20, jan./jun. 1983.
6. CASTRO, Célia Lúcia Monteiro de. Mestrando. Doutorando. Quem? *Universidade*, México, D.F., (88): 159-179, abr/jun. 1982.
7. CUNHA, Murilo Bastos da. O Bibliotecário Brasileiro na atualidade. *R. Escola de Biblioteconomia. UFMG*, Belo Horizonte, 5(2): 178-194, set. 1976.
8. FERREIRA, Carmina Nogueira de Castro. A formação do bibliotecário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., Curitiba, 1979. *Anais*. Curitiba, Associação de Bibliotecários do Paraná, 1980. v.3. p. 943-950.

9. FERREIRA, Maria Luiza Alphonss de Guimarães. Seminário sobre "a formação do bibliotecário face às exigências profissionais da atualidade". *R. Escola de Biblioteconomia. UFMG*, 2(2): 251-263, set. 1973.
10. FONTOURA, Maria Tereza Wiltgen Tavares da Costa. *Ocupação efetiva do bibliotecário e a relação desta ocupação com as contribuições formais*. Porto Alegre, Curso de Pós-Graduação em Educação, 1980. 129 p. (Tese de Mestrado).
11. MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, 74).
12. POLKE, Ana Maria Athayde *et alii*. Análise do corpo discente da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. *R. Escola de Biblioteconomia. UFMG*, Belo Horizonte, 6, (2): 203-245, set. 1977.
13. PORTELLA, Eduardo. *Literatura e realidade nacional*. 4 ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981.
14. ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem; a redação no vestibular*. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
15. SANTA CATARINA, suas potencialidades. Florianópolis, GAPLAN s.d.
16. SANTOS, Maria Lúcia Barreto dos. Biblioteca é instituição do povo e deve trabalhar com ele. (Entrevista). *Boletim ACB*. Florianópolis, 2(1): 7-10, jan/jun. 1982.
17. SILVA, Ítala Maria Wanderley da *et alii*. Prática de leitura: problemas e perspectivas. *Cad. Biblioteconomia*, Recife, (6): 28-34, jun, 1983.
18. TATARA, Marina S. Estudo do corpo discente do Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná, UFPR, no segundo semestre de 1978. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10, Curitiba, 1979. *Anais*. Curitiba, Associação de Bibliotecários do Paraná, 1980, v.1. p. 63-73.
19. VIEIRA, Anna da Soledade. A formação de administrador de bibliotecas: na berlinda o programa da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG. *R. Escola de Biblioteconomia. UFMG*. Belo Horizonte, 6 (2): 136-160, set. 1977.

20. —————. Mercado de informação: do tradicional ao inexplorado. *R. Biblioteconomia, Brasília*, 11(2): 177-192, jul./dez. 1983.

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL

1. ASHEIM, Lester A. Escuelas de bibliotecología en los Estados Unidos. In: KRAMER, Garnetta — *comp. Notas bibliotecológicas*. México, D.F., Ed. Pax-México, 1972. p. 166-172.
2. KREMER, Jeannette M. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. *Palavra-Chave*, São Paulo, (3): 17-19, out. 1983.
3. MARTINS, Myriam Gusmão de. A biblioteca como instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais*. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 2. p. 197-225.
4. ROBREDO, Jaime. *Informação e transformação*. Brasília, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1984.
5. SANTOS, Marlene Souza & CARMONA, Léa Fiss. Biblioteca escolar. *Palavra-Chave*, São Paulo, (1): 21-22, maio de 1982.
6. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina — org. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Série Novas Perspectivas, 1).
7. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário. *Palavra-chave*, São Paulo, (3): 13-15, out. 1983.
8. —————, & MARKER, James Patrick. Leitura: uma estratégia de sobrevivência! *Ciência e Cultura*, 30 (12): 1431-1435, dez. 1978.

RESUMEN

Se trata de un análisis desarrollado a partir de la obtención de datos junto a los estudiantes del 6º y 7º semestres del Curso de Biblioteconomía al final de 1983. Se formularon preguntas sobre su actuación intelectual, conocimiento de la literatura profesional y no profesional y conocimiento de idiomas extranjeros. Los resultados son preocupantes aunque reflejen el cuadro de pobreza de la enseñanza primaria y secundaria hoy en el país.